



A5-312 Conservação da biodiversidade: Teorias e a visão de agricultores guardiões de sementes crioulas e abelhas nativas

Janaina Betto, UFSM, janaina.btt@hotmail.com;
Carla Patricia Noronha Dornelles, UFSM, dornelles_florestal@yahoo.com.br;
Mauren Buzzatti, UFSM, maurenbz@outlook.com

Resumen

Questões relacionadas à conservação ambiental podem ser agrupadas em dois grandes veios: a visão ambientalista e a visão socioambientalista. Historicamente, viu-se a lógica ambientalista de conservação ganhar espaço e se tornar a principal referência neste campo. Dentro da visão socioambientalista existem algumas ações que se destacam no campo da conservação da biodiversidade, como é o trabalho acompanhado pelo Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP) através de grupos guardiões da agrobiodiversidade. Foi possível observar a importância do trabalho em grupo para as pessoas envolvidas, bem como os principais entraves enfrentados, apontando para a necessidade de atenção do poder público.

Palavras-chave: CETAP; etnoconservação; agrobiodiversidade.

Abstract

Issues related to environmental conservation can be grouped into two major currents: the environmentalist vision and the socio-environmentalist vision. Historically, it was the logical environmental conservation gain space and become the main reference in this field. Within the socio-environmentalist view there are some actions that stand out in the field of biodiversity conservation, as is the work accompanied by the Technology Center Popular Alternatives (CETAP) through agrobiodiversity guardians groups. It was possible to observe the importance of group work for the people involved and the main obstacles faced, pointing to the need for attention of the public authorities.

Keywords: CETAP; etnoconservation; agrobiodiversity.

Introdução

As atuais e diversas visões da natureza, de sua relação com a humanidade e de como aperfeiçoar os esforços de sua conservação podem ser agrupadas em dois grandes veios: a visão ambientalista e a visão socioambientalista. Historicamente, questões relacionadas à conservação ambiental sempre foram tratadas sob a perspectiva de “isolamento”, onde se mantém um distanciamento entre o homem e a natureza, bastante atrelado a lógica ambientalista de conservação (DIEGUES e ARRUDA, 2001).

Por outro lado vem ganhando destaque a visão socioambientalista da conservação, também conhecida como etnoconservação (FÜRSTENAU e SOUZA, 2012). Dentro deste campo, o qual acredita que a conservação não deve se dar na ausência do homem, existem algumas ações que se destacam no campo da conservação da biodiversidade, como é o caso dos grupos de Guardiões da agrobiodiversidade. Dentro desse campo, se pode mencionar o Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP), Organização Não Governamental localizada no norte do Rio Grande do Sul, o qual desenvolve um trabalho interessante baseado na metodologia de guardiões, onde alguns agricultores passam a conservar e reproduzir sementes crioulas e abelhas nativas. Frente a isso, o presente trabalho tem por objetivo realizar um levantamento de informações históricas e atuais acerca da biodiversidade e das teorias conservacionistas relacionadas a ela. Também, pretende-se



compreender a visão dos próprios agricultores guardiões sobre essa experiência, elencando desafios e dilemas.

Metodologia

Foram entrevistadas nesse trabalho sete famílias de agricultores guardiões e um técnico, destacando que os agricultores mencionados não são vistos como um bloco homogêneo. A pesquisa incluiu o acompanhamento do trabalho dos técnicos do CETAP com os agricultores guardiões. Para atingir os objetivos se realizaram as seguintes atividades: revisão bibliográfica sobre biodiversidade e conservação; aplicação de entrevista semi-estruturadas, onde se entrevistaram agricultores guardiões acompanhados pelo CETAP, além de técnicos da ONG.

Resultados e discussões

Socioambientalismo: conservação da biodiversidade e presença humana

Para fins de contextualização, procurou-se na literatura o conceito da Biodiversidade. Na maioria dos casos, o termo aparece acompanhado da definição elaborada na Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB):

“a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentro outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas.”
(CDB, art. 2º)

Muitas vezes, a variabilidade é interpretada como fruto da ação da natureza isoladamente dos seres humanos. Ao mesmo tempo evidencia-se uma ideia de que a alteração e domesticação de toda a biosfera pelo ser humano são inevitáveis e que devemos conservar pedaços do mundo natural em seu estado original para que o ser humano possa reverenciar a natureza intocada (ARRUDA, 1999). Segundo Cattaneo (2004), esta visão está baseada no positivismo e no neopositivismo, linhas filosóficas que afirmam que a natureza existe *a priori*, independente da sociedade. Muito mais além, vê-se a natureza como uma máquina, onde suas partes podem (e devem) ser estudadas separadamente para entender o funcionamento do todo.

Nesta lógica, um dos instrumentos mais utilizados na proteção da biodiversidade é o estabelecimento de áreas protegidas. Tanto no Brasil, como em inúmeras outras partes do mundo, essa ferramenta é usada, inclusive, para expressar o grau de conservação da natureza. (BENSUSAN, 2008). Este modelo em vigor (de área protegida de uso indireto), que não permite moradores mesmo tratando-se de comunidades tradicionais presentes em gerações passadas, parte do princípio de que toda relação entre sociedade e natureza é degradante e destruidora do mundo natural e selvagem (DIEGUES e ARRUDA, 2001).

O Brasil está entre os países conhecidos como megadiversos – muito ricos em biodiversidade. Segundo dados da ONG “*Conservation International*” (2013), estima-se que haja no território brasileiro cerca de 20 % do número total de espécies do planeta. Segundo Azevedo (2006), essa diversidade biológica está intrinsecamente associada a culturas tradicionais dos diversos povos indígenas e comunidades locais. Com essas afirmações e baseando-se na principal legislação brasileira que se fundamenta na Constituição Nacional de 1988, no artigo 225, todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado (BRASIL, 1988). Logo, a biodiversidade trata-se de “*um bem de uso comum do povo*”, sendo desta forma de caráter difuso, pois não pertence a nenhum indivíduo em específico.



Frente a este cenário e as diversas críticas que têm emergido frente as principais experiências de conservação existentes no Brasil, apresenta-se aqui um veio teórico que tem ganhado destaque: a visão socioambientalista de conservação. O socioambientalismo se baseia em paradigmas totalmente distintos da visão ambientalista. A partir de uma interpretação de desenvolvimento sustentável mais voltada para o lado social, busca-se justiça social e apoiam-se segmentos sociais historicamente relacionados com a conservação de recursos ambientais, tendo como elementos constitutivos, a proteção e o acesso aos recursos naturais, a afirmação de direitos dos agricultores e povos tradicionais sobre a biodiversidade e sobre seus conhecimentos (SANTILLI, 2009).

Nos últimos tempos, algumas ações foram sendo desenvolvidas para mudar este quadro, buscando-se a conservação da biodiversidade, baseando-se na discussão acerca do advento do socioambientalismo. Isso permitiu a criação da categoria “Unidades de Uso Sustentável” dentro do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) que admite diversas integrações “homem x natureza”, prevendo a participação de comunidades na preservação da biodiversidade.

A partir desta fundamentação que se salienta um caminho para a conservação ambiental: a conservação pelo uso através da permanência. Retomar a aproximação do homem com a natureza visualizando a biodiversidade como necessária para se atingir um desenvolvimento ambiental, social e econômico que viabilize cada vez mais a permanência do homem no campo. Apesar da pouca observância deste caminho, em alguns espaços importantes já vem ele já vem sendo reconhecido:

Existem hoje leis que reconhecem os agricultores, agricultoras, povos e comunidades tradicionais como sujeitos de inovação e que devem ter seus conhecimentos protegidos e incentivados, como é o caso da Convenção da Diversidade Biológica (CDB) (PACKER, 2012, p. 53).

Deve-se destacar que estas iniciativas são importantes quando se busca um desenvolvimento sustentável: garantir que os atores sociais sejam sujeitos da conservação e que reproduzam os recursos genéticos necessários para a sua reprodução social e para a consolidação de um desenvolvimento rural sustentável:

A biodiversidade e a agrobiodiversidade contém o conhecimento, a sabedoria, a ancestralidade, o suor, as técnicas, as esperanças e os projetos da família agricultora, camponesa, dos povos e das comunidades tradicionais (Terra de Direitos, 2012, p. 16).

Cabe destacar que estes atores sociais contribuem para a conservação da biodiversidade, não porque recebem pagamento por serviços ambientais, mas porque esses cuidados são fundamentais para sua reprodução social, seu modo de produzir e viver (PACKER, 2012).

A visão dos agricultores: sobre ser “guardião”, perspectivas e respectivos desafios

Sempre que questionados sobre incentivos externos que os levaram a trabalhar com essas temáticas todas as famílias mostram que a atuação do CETAP foi decisiva. Interessante notar que mesmo que a atuação da ONG tenha sido decisiva para todas as famílias envolvidas, isso ocorreu de diferentes formas conforme a realidade de cada uma. Para alguns agricultores o contato com o CETAP foi porta de entrada para esse trabalho, no entanto, para outra parcela de agricultores entrevistados já existia uma relação mais antiga com os temas, que com o passar do tempo e presença dos técnicos da ONG se fortaleceu.



As entrevistas também possibilitaram compreender que todos os agricultores entrevistados acreditam que o trabalho em grupo é essencial e que traz muitos benefícios. Afirmam que o trabalho em grupo permite conhecer coisas novas e trocar experiências, principalmente quando realizam intercâmbios e formações, pois neste momento trocam ideias com outras pessoas que também querem ser guardiões. Desta forma, notou-se que para estes agricultores o trabalho em grupo fortalece as ações de conservação das famílias e precisa ser incentivado e cada vez mais valorizado, caso contrário o grupo tende a enfraquecer.

A partir do momento em que se conversou sobre as perspectivas futuras em dar continuidade para este trabalho, nota-se uma empolgação por parte dos agricultores, pelo fato de estarem realizando uma experiência diferenciada e contribuir para a conservação. Percebe-se que estes agricultores se sentem protagonistas de um processo diferenciado e desejam que isso seja levado adiante, pois as ações enquanto guardiões representam algo que vai além do tradicional:

“O motivo de eu trabalhar com as abelhas está na ecologia e na conservação. Por isso pretendo continuar trabalhando e integrando mais gente, multiplicando o grupo”. (Agricultor da linha Araújo, Três Arroios-RS).

Também é possível observar que os agricultores se mostram entendedores da importância deste trabalho para a agricultura e para a sua própria produção:

“Até que eu tiver saúde vou continuar. O pessoal se queixa, mas eu vou continuar produzindo crioulo, estou feliz porque meu milho fica são, pois consigo guardar por mais tempo, enquanto que o convencional dos vizinhos caruncha tudo quando guarda. O meu milho produz um pouco menos, mas custa menos a produção e dura mais. O convencional não sobra nem o sabugo, caruncha tudo. O meu eu guardo no galpão e deu, não preciso ficar pagando frete”. (Agricultor da linha Jubaré, Aratiba-RS).

Sobre a visão dos agricultores em relação às dificuldades enfrentadas para este trabalho os principais problemas levantados são: falta de mão-de-obra; enfraquecimento dos grupos; falta de incentivos; desinteresse do senso comum que prefere ir pelo “mais prático”; facilidade de acesso aos pacotes tecnológicos; falta de financiamento para a produção com sementes crioulas, o que gera insegurança; uso de agrotóxicos nas proximidades das propriedades; falta de apoio da ATER pública e dificuldades na secagem e armazenagem das sementes. Pode-se perceber que são inúmeros os problemas enfrentados que comprometem o trabalho enquanto guardiões e que isso é uma preocupação constante para estes agricultores.

Através das entrevistas, foi possível notar que os principais problemas estão relacionados a falta de acompanhamento ou até mesmo à inexistência de mecanismos de apoio para o fortalecimento e consolidação dos grupos. Possivelmente isso ocorre pelo fato de atualmente a entidade trabalhar em diferentes frentes de promoção da agroecologia nesta região, não sendo o trabalho com os grupos guardiões a única prioridade da entidade. Também percebe-se uma preocupação constante de alguns agricultores com a visão que muitas pessoas possuem sobre a agricultura, o que julgam dificultar a multiplicação do trabalho de guardiões:

“Acho muito angustiante a mentalidade existente de desacreditar no poder do trabalho em conjunto com a natureza, de sempre separarmos um do outro. As pessoas gostam das abelhas, mas não compreendem a importância delas no sistema e o problema dos agrotóxicos também, falta uma consciência mais ampla.” (Agricultor da linha Araújo, Três Arroios-RS)



Isso nos mostra que dentro da lógica de agricultura hegemônica que temos hoje, ainda é bastante difícil discutir alternativas de produção, uma vez que, existe uma forte cultura de negação à qualquer forma de produzir que fuja da lógica convencional. Fica claro neste momento, que a ideia de conservação ainda é vista por muitos agricultores como algo que vai “atrapalhar” e que não pode estar aliado a sua produção. É provável que esta seja a ideia dominante devido a visão hegemônica de conservação que não vê o homem como agente deste processo. Quando questionados sobre os desafios que visualiza fica claro que para a maioria dos agricultores entrevistados a falta de apoio financeiro, a necessidade de um maior acompanhamento técnico, bem como o fortalecimento e continuidade do trabalho em grupo são os principais desafios colocados hoje para a consolidação dos grupos guardiões da biodiversidade.

Conclusões

É possível concluir que iniciativas como a do CETAP, que tornam os agricultores agentes da conservação através de grupos organizados, apresentam-se como uma excelente metodologia capaz de despertar o interesse dos agricultores em conservar a biodiversidade através do manejo sustentável dos recursos naturais de sua propriedade. Os grupos guardiões da agrobiodiversidade, enquanto exemplo de estratégia de conservação ambiental aliado à presença humana, representam a aproximação do homem com a natureza.

Por fim entende-se que frente às dificuldades apresentadas é necessário que sejam desenvolvidas iniciativas de apoio a esse tipo de trabalho, tanto dos setores público e privado, bem como da sociedade civil. Uma das necessidades urgentes trata-se de uma maior atenção do poder público para essas estratégias. Para isso, uma das possibilidades poderia ser a criação de políticas públicas que estruturam o modelo de viver, conservar e produzir destas pessoas como alternativas que são concretas, sustentáveis e produtivas.

Referencias bibliográficas

- ARRUDA, R. “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. Ambiente & Sociedade, 1999.
- AZEVEDO, C. M. A. Biodiversidade – Acesso a Recursos Genéticos, Proteção ao Conhecimento Tradicional Associado e Repartição de Benefícios. Departamento do Patrimônio Genético. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2006. 25
- BARBANTI, O. Jr. Conflitos socioambientais: teorias e práticas. Departamento de Economia. Universidade Federal do Paraná, 2001.
- BENSUSAN, N. (org.). Seria melhor ladrilhar? Biodiversidade: como, para que e por quê. 2 ed. Brasília: Editora UnB, 2008.
- BRITO, DMC. Conflitos em unidades de conservação. PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais UNIFAP. N. 1 dez 2008.
- CATTANEO, D. 2004. Identidade territorial em unidades de Conservação: ponto de apoio para uma análise epistemológica da questão ambiental. Msc Thesis – IG/UFRGS.
- DIEGUES, AC.; ARRUDA, R. S. V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2001.
- MEIRELLES, LR.; RUPP, L. C. D. Biodiversidade: passado, presente e futuro da humanidade. Centro Ecológico, 2006.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Agrobiodiversidade e Diversidade Cultural no Brasil. Brasília, 2006.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Convenção sobre Diversidade Biológica. Brasília, 2000.
- ONG “CONSERVATION INTERNATIONAL”. Disponível em: www.conservation.org.br; Acesso em: 12 dez 2013.
- PACKER, LA. Biodiversidade como bem comum: direitos dos agricultores, Agricultoras, povos e comunidades tradicionais. Organização de Direitos Humanos “Terra de Direitos”. Editora M5, 2012.
- SANTILLI, JFR. Agrobiodiversidade e direito dos agricultores. Dissertação de Doutorado. Universidade Pontifícia do Paraná. Curitiba, 2009.